

Realidade e ficção no romance *O avesso da pele*: a linha tênue entre dois mundos

Reality and fiction in the novel O avesso da pele: the thin line between two worlds

Arley Beatriz Lopes Vieira¹

Deyse Gabriely Machado Brito²

Cacio José Ferreira³

Resumo: O presente artigo analisa o romance de Jeferson Tenório, *O avesso da pele*, evidenciando as relações socioculturais vigentes na obra, a fim de ressaltar a representação do negro, frente a uma perspectiva histórico-social e o seu processo de resistência perante os conceitos preconcebidos. Nesse contexto, tem-se como objetivo geral analisar como as relações raciais são exploradas na obra de Jeferson Tenório, mais especificamente, destacar os valores que confrontam os saberes eurocentrados, mostrar o comportamento social perante uma sociedade racista e a negação do corpo negro como ser social, além de evidenciar o próprio sentimento de pertencimento à negritude. Toda essa perspectiva será estabelecida a partir da relação entre memória e protagonismo negro, pois é possível perceber que há, através dos aspectos ficcionais, uma denúncia sobre as situações que estão presentes no imaginário sociocultural.

Palavras-chave: Memória; Racismo; Resistência; Jeferson Tenório; *O avesso da pele*.

Abstract: This article analyzes the novel by Jeferson Tenório, *O avesso da pele*, highlighting the sociocultural relations in force in the work, in order to highlight the representation of black people, in view of a historical-social perspective and their process of resistance to preconceived concepts. In this context, the general objective is to analyze how racial relations are explored in the work of Jeferson Tenório, more specifically, highlight the values that confront Eurocentric knowledge, show social behavior in a racist society and the denial of the black body as a social being, in addition to evidencing the very feeling of belonging to blackness. This whole perspective will be established from the relationship between memory and black protagonism, as it is possible to perceive that there is, through the fictional aspects, a complaint about the situations that are present in the sociocultural imaginary.

Keywords: Memory; Racism; Resistance; Jefferson Tenorio; *O avesso da pele*

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras – Bacabal (PGLB) pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), bolsista CAPES. E-mail: arleylvieira@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0133-6417>

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras-Bacabal (PGLB) pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), bolsista CAPES. E-mail: deysemb19@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6000-8985>

³ Doutor em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB) e professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB/UFMA). E-mail: caciosan@ufam.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0009-226X>

1 As lembranças transpassadas no corpo negro

A tessitura do autor Jeferson Tenório, elaborada a partir da estrutura romanesca, trata de temas vultosos e sensíveis que permeiam o âmbito social. O terceiro livro do autor, *O avesso da Pele*⁴ (2020), nomeado pelo crítico Alen Silva como “trilogia do abandono”⁵, apresenta um filho enlutado sob a constante sensação de solidão que emerge do “avesso”, ou seja, sentimentos cristalizados e inseridos em um inconsciente quase intocável, à medida que vivencia os percalços do preconceito devido à cor da pele.

Nessa perspectiva, a partir de imagens internalizadas pelo sujeito e não expostas, a narrativa inicial do romance proporciona a composição do personagem Pedro, no apartamento do falecido pai, Henrique. Ao observar os objetos paternos, vêm à baila histórias que foram vivenciadas pelo pai, assim a relação paterno-filial revela lembranças da condição subalterna e estigmatizada atribuída à família a incidir no coletivo: o racismo.

Nesse caminho, é lícito destacar que as memórias, indiscutivelmente, são elementos que estão na constituição de uma sociedade. Ao confluir as relações que perpassam o lembrar individual, refletem-se experiências que recaem também no âmbito coletivo, isto é, as lembranças são construídas a partir de relações intrínsecas pessoais que percorrem o tempo e que remontam acontecimentos que ocorreram em um período passado. No entanto, inversamente, tais relações se adaptam às percepções atuais, de modo que a memória, além de resultar em uma teia de depoimentos, funciona como *conditio sine qua non*.

Halbwachs (1990), em *A memória coletiva*, evidencia a relação entre memória e sociedade, ao destacar que as lembranças são recordações que permanecem coletivas sem a necessidade da presença materializada do ser. Postula ainda que “a memória individual não está inteiramente isolada e fechada” (HALBWACHS, 1990, p. 54), de modo que cada memória individual acaba por ser um ponto de vista em relação à memória coletiva, fazendo com que o indivíduo, para transitar no universo das recordações, recapitule informações do contexto vivenciado.

Nesse raciocínio, de acordo com as ponderações de Halbwachs, é possível enfatizar que a memória torna-se elemento primordial para a manutenção do processo de historicidade, pois é a partir dela que o indivíduo referencia o meio que o rege (seja no meio ficcional, como no

⁴ Vencedor do prêmio Jabuti, categoria melhor romance em 2020.

⁵ Segundo o autor, os romances *O beijo na Parede* (2013), *Estela sem Deus* (2018) e *O avesso da pele* (2020) confluem, mesmo sob histórias díspares, com a temática do abandono.

real). O passado se presentifica através das lembranças. Outrossim, a literatura é a forma de expressão que possibilita as inserções de aspectos múltiplos e complexos, o que contribui para a historicidade de uma sociedade, refletida nos elementos simbólicos e cognitivos, além de possibilitar uma concepção crítica e sociológica acerca de determinadas pautas.

Visando tal discussão, é lícito destacar que a história, por meio dos elementos constituintes do meio social, discutiu-se criticamente a respeito das relações raciais. Ao por em tela o caráter social agressivo, preconceituoso e racista, a afirmação no romance de que “um corpo negro será sempre um corpo em risco” (TENÓRIO, 2020, p. 156), não se restringe à ficção. Através das opressões nos campos simbólico e físico na tessitura da narrativa, é possível perceber as representações coletivas que o romance suscita e a urgência de se rebater argumentos que fortalecem a ideia de superioridade e inferioridade racial, que, por vezes, são pautados a partir de diferenças de estruturas biológicas.

Nesse contexto, problematiza-se como com o passar do tempo, a vinculação entre colonizador e colonizado se “dissolveram”⁶, e as constituições memorialísticas predominaram, o que evidencia um passado manchado por violências desumanas, que ainda se propagam através de discriminações veladas. É por esse viés que o presente artigo procura tecer o debate, tendo como objetivo geral analisar como as relações raciais são exploradas no enredo da obra *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório. Destaca ainda como a narrativa resgata valores que confrontam os saberes eurocentrados, comportamento social perante uma sociedade racista e a negação do corpo negro como ser social, visualizando como o sentimento de pertencimento à negritude contribui para a resistência.

2 Eurocentrismo e o epistemicídio do “outro”: do cenário social à literatura

A exploração do corpo negro foi a principal máquina locomotora da época escravagista, principalmente pelo fato de que o molde da mercantilização da força de trabalho, que permeava o domínio europeu, pautava-se em relações não salariais, o que na prática refletia na condição de dominação. Essa estrutura fincou-se no regime colonial devido ao julgamento de inferioridade racial dos colonizados, por considerar que o negro não era digno de pagamento

⁶ Em perspectiva metafórica, essa relação ainda se mantém através do sistema econômico, o capitalismo, mostrando, portanto, uma configuração entre colonizador (aquele que possui o poder aquisitivo) e o colonizado (o trabalhador submetido ao colonizador).

de salário. Nessa perspectiva, o trabalho assalariado concentrava-se quase que, exclusivamente, entre os brancos.

O filósofo Boaventura Santos (2007), vinculado à teoria decolonial, pontua uma reflexão às causas que incidem no epistemicídio de grupos diversos no cenário do ocidente: o pensamento moderno é um pensamento abissal. O autor enfatiza que as diferenças entre saberes, culturas e/ou qualquer produção de pensamento geram profundas distinções em como as percepções são vistas socialmente, isto é, o mundo moderno traz espécies de linhas abissais visíveis e invisíveis a separar o “este lado” e “aquele lado”, em que um é posto como superioridade e outro é tido como inexistente, no sentido de irrelevância.

Diante desse cenário da ágora moderna, não é forçoso presumir de qual sujeito se tem como “superior”, com a intelectualidade igualmente mais prestigiada: trata-se do sujeito homem, branco, alfabetizado, capitalista, cristão e *pater familias*⁷ como melhor correspondente para uma capacidade cívica, ou seja, o sujeito que carrega a identidade da transcendência do sujeito eurocentrado.

No entanto, dentro da realidade brasileira — assim como nos demais países do Sul-Global — experimenta-se a presença de diversos grupos étnicos (desde os povos indígenas originários, com o acréscimo da chegada dos europeus que paralelamente incrementam os africanos por meio da política capitalista escravocrata, além dos processos de migração) que contribuem para a constituição de um povo miscigenado com diversas influências sociais que compõem a identidade local (isso em linhas idealizadas). Entretanto, o que se percebe é que diante das diferenças de raça, cultura e saberes, não se experimentam o respeito à diversidade de manifestações de modo de vida, mas sim um favorecimento eurocentrado que incide mais enfaticamente na dominação dos grupos “outros”.

A filósofa brasileira Susana de Castro (2020) aponta que a estrutura hierarquizante entre branco e não branco se origina com a colonização europeia em que foram formadas estruturas dicotômicas: enquanto o europeu é o ser racional, os outros povos (como os africanos e ameríndios) eram considerados corpóreos e menos racionais. O argumento de que os povos não europeus seriam primitivos e destituídos de racionalidade, levou ao processo de “civilização” que, na verdade, constituiu um processo que atribui inferioridade e tentativa de aculturação.

⁷ Termo utilizado por Segato (2021, p. 109), em vez de heterossexual, porque a vida sexual é desconhecida, mas a “respeitabilidade” como chefe de família pode ser comprovada.

A “domesticação” dos nativos e do sujeito escravizado aos moldes europeus sob o discurso de progresso no período colonial se estabelece como demarcação de dominação, as quais se deram a partir dos eixos colonizador/colonizado, pois “ninguém escraviza ou domina o outro sem impor um processo de inferiorização que justifique o tratamento sub-humano dado a uma pessoa que do ponto de vista biológico também é um ser humano” (CASTRO, 2020, p. 143).

O entrave do mundo moderno diz respeito ao fato de que de forma muito semelhante, prossegue-se com relações a designar bases de superioridade/inferioridade, a partir de molduras estruturais que designam os sujeitos a prosseguirem no alvo da subjugação.

Ao abordar as diversas desapropriações que coexistem no território latino-americano, nota-se que o modelo colonial-moderno imprime uma homogeneidade concentracionista que apregoa um pensamento eurocêntrico como conhecimento universal. Seguindo uma única lógica para governar o todo e suas partes - embora o mundo moderno demonstre uma estrutura amplamente heterogênea, o lado “outro” acaba por ser, de forma ampla e violenta, discriminado, impelindo sua própria negação e a assimilação do seu dominador.

Nesse viés pela busca do percurso de evidenciar a diferença e de abrir espaço para o olhar do “outro”, é que este artigo se propõe a fazer o que Mignolo (2021) chama de *desobediência epistêmica*, a qual, em linhas gerais, é efetuada a partir do desvinculamento do conhecimento e das percepções eurocentradas e enraizadas socialmente, a protagonização do sujeito que é costumeiramente marginalizado, mas não no papel de vítima e sim na dotação de força instauradora de constante resistência.

É a partir da denúncia da predominância eurocentrada dos seus saberes, percepções, intelectualidades etc., que o artigo problematiza como existe uma proeminência hegemônica também no âmbito literário. Uma vez que a literatura se desenvolve dentro de um contexto social-cultural, essa acaba por refletir os dogmas da sociedade em que se circunscreve:

Ninguém duvida que a Literatura ou a Arte em geral, nada mais são do que formas especiais de relações que se estabelecem entre os homens e suas circunstâncias de vida, [...] a natureza da Arte depende do que acontece no contexto histórico, econômico e social, de classe ou de dominação, em que está “situado” o artista ou o escritor. Nesse sentido, não é possível pensarmos a criação artística ou literária, em sua verdade maior, sem pensarmos na Cultura em que ela está imersa (COELHO, 1991, p. 95).

Assim, dentro de uma sociedade em que os grupos de mulheres, negros, ameríndios, LGBTQIAPN+ são postos como o “outro” circunscritos ao limiar da marginalização, demarquem-se o que não se quer como parte do corpo social em constante movimento “progressista”.

De maneira equitativa, a estrutura da academia literária apresenta uma supremacia branca, masculina e elitista, em que por muito tempo escritores que representassem grupos fora da padronização voltada a valores eurocêntricos foram postos em um lugar de subalternidade e acabaram sendo esquecidos. Além disso, os enredos fictícios canônicos, frequentemente, também apresentam personagens que seguem o mesmo padrão eurocentrado e ainda acabam por cometer a violência de apresentar personagens que estão fora do protótipo de maneiras extremistas (indo da animalização à passividade), a atribuir estereótipos de marginalização e pouca incidência de protagonismo.

Mignolo (2005) discorre que o imaginário do mundo moderno surge como uma articulação de forças, em que existem vozes escutadas em contraposição a vozes apagadas, memórias compactas x fraturadas e histórias contadas de um único lado. Essas diretrizes explicam a baixa incidência das “minorias” dentro da literatura canônica ou ainda a ocorrência de personagens a compor o “outro” de maneira caricata e estereotipada.

Conforme Regina Dalcastagné postula, “a vida dos grupos marginalizados tende a ser representada a distância de forma ‘monocromática’ [...] Normalmente, seus integrantes nos são apresentados ou como vítimas do sistema ou como aberrações violentas” (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 55). Essa assertiva da autora aponta como a literatura autocentrada acaba por ser conduzida pelo olhar europeizado, além de explicitar as discriminações que são reflexos da realidade social.

Embora a literatura brasileira seja palco de explícitas segregações ao longo de todo seu percurso historiográfico, essa também apresenta vozes dissidentes que insistem e resistem. Aplicando a concepção de resistência no âmbito da narrativa, Alfredo Bosi argumenta que “resistência é um conceito originariamente ético e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força de vontade que resiste a outra força exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia” (BOSI, 1996, p. 118).

Mesmo estando fora da curva dos estereótipos e, conseqüentemente, do cânone, grupos diversos deixaram - e deixam - o legado que, com certa rebeldia, representam um olhar “outro” que resiste à predominância hegemônica. Nomes como Maria Firmina dos Reis, Sousândrade, Luiz Gama, Carolina Maria de Jesus, entre outros, vem ganhando maior notoriedade dentro do

cenário da literatura brasileira que caminha a passos morosos a uma maior tomada de consciência e valorização de escritores que estão fora dos padrões, que com uma escrita de muita qualidade tecem o cenário social.

É a partir desse movimento de resistência e do intuito de propor a literatura como ambiente de luta, que este trabalho traz sob a égora hodierna um romance contemporâneo a apontar como ainda é necessário resistir frente às violências que mensuram o sujeito negro. Como balizador da denúncia do preconceito, do racismo, de valores e percepções eurocentrados que perduram nos vínculos sociais e acabam por incidir dentro da ficção, o escritor gaúcho Jeferson Tenório traça no romance *O avesso da pele* (2020) a reflexão sobre as relações humanas, assim como as violações/violências contra o corpo negro e dos saberes afro-brasileiros, que diante do constante tentame de seu epistemicídio permanece estoico.

3 As discussões inter-raciais incutidas no livro *O avesso da pele*

A literatura é uma forma de expressão que permite a quem escreve uma liberdade criativa, uma vez que usufrui do contexto expresso no meio social, para assim mostrar uma perspectiva, que pode perpassar o ficcional, isto porque a literariedade está presente na organização estrutural dessa vertente de estudo. O romance *O avesso da Pele* exemplifica esses elementos por meio de uma narração intradieética que conta como tempo psicológico (visto que se trata de um enredo memorialístico), ao tecer memórias ficcionais que dialogam, no “ir e vir” da trama literária, com aspectos inerentes à sociedade.

Existe um contorno heterogêneo na obra, a partir de um narrador em primeira pessoa onisciente, que, além de tratar das próprias vivências, dirige-se a uma segunda pessoa (utilizando o pronome de tratamento você), para incidir no viés memorialístico sobre as lembranças, experiências e sentimentos de seu pai. É dessa forma que Pedro traz Henrique para a narrativa, tendo na história de vida do pai o plano de fundo da resistência que o narrador — o filho —, por ser negro, também precisa recorrer.

Assim, parte-se das experiências e reminiscências dos personagens Henrique e Pedro, isto é, da relação de enfrentamento do luto e da rememoração do filho sobre o pai, que por meio da narrativa fragmentada é trazida a visualização da memória que percorre o imaginário coletivo. Por meio do enredo pautado nas memórias específicas de seus personagens e, conseqüentemente, configurarem-se como individuais, recai-se em uma representação de

atmosfera coletiva, a confluir com a proposição de Halbwachs (1990), o qual aponta que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.

Embora o romance esteja no âmbito fictício à influência do contexto no qual está inserido, serve como uma espécie de fronteira⁸ entre o que é criação e o que pode ser considerado como reflexo social. Ao apresentar situações que permeiam os personagens com fortes marcas de violência, infelizmente segue-se o caminho da memória coletiva da sociedade brasileira, tendo em vista que “a memória coletiva que a sociedade brasileira elabora para si mesma, dinamicamente, tem as marcas e as limitações de experiência de opressão” (GINZBURG, 2010, p. 124).

Por outro lado, o romance apresenta os sentimentos e a força instauradora que estão no íntimo dos personagens ao tratar o que está para além da pele, ou para utilizar as palavras do autor “no avesso da pele”. Essa proposição explicita a consciência do ser e do estar das personalidades da obra e a resistência que emerge a partir desse discernimento.

Como supracitado, o romance inicialmente mostra as lembranças do personagem Pedro, filho de Henrique, professor de literatura em uma escola pública situada na periferia de Porto Alegre. Durante a narrativa inicial, é relevante observar como Pedro estabelece uma conexão memorialista com o seu pai através dos objetos que estão presentes no apartamento, de modo a ressaltar a carga significativa de cada elemento e as emoções que esses suscitam, seja pelo silêncio, seja pelos aspectos religiosos.

O capítulo dois evidencia essa relação espacializada do fluxo da consciência, pois é notável uma quebra da narrativa, que introduz a vivência de Henrique no âmbito da sala de aula, com as situações que aconteciam naquele espaço e que o faziam lembrar-se de determinados momentos da sua vida.

Um dos elementos que se faz relevante evidenciar está demarcado com a narrativa do primeiro contato de Henrique com a polícia. Nesta situação, o personagem Henrique havia sido confundido com outra pessoa. Ao longo da história, é interessante observar como a polícia é um ser recorrente na narrativa e na própria vivência do personagem, a mostrar uma perseguição corriqueira, assim como um pré-julgamento baseado na cor da pele do protagonista.

⁸ Alfredo Bosi, no texto *As fronteiras da literatura*, argumenta que “uma hipótese provável é que há realmente um momento em que a fronteira existe, por pura, por mínima que seja, por transparente que seja, como Cristal que separa dois ambientes; e a percepção da Fronteira é testada pela consciência do escritor” (BOSI, 2013, p. 223).

Então, é possível perceber que há uma relação cíclica com os agentes da lei e o personagem negro, que, no final, é morto de forma injusta pelas mãos do policial. Contudo, é importante mencionar que os olhares de julgamentos são decorrentes não apenas do policial, mas do meio social que é transcrito no enredo da obra, mostrando que o preconceito é experimentando, muitas vezes, de forma exposta, mas também pode ser presenciado em esferas veladas. Nessa esteira, Henrique ainda ressalta sobre a primeira situação de preconceito sofrida por ele no momento em que estava à procura de emprego, a situação o causa desconforto e surpresa, deixando-o sem reação diante do acontecimento vigente.

Lembra o dia em que um dos sócios foi entrevistá-lo para a vaga, você tinha dezenove anos. Ele se chamava Bruno Fragoso. Tinha quarenta e dois anos. Era um homem baixo, calvo, de rosto angulado e, embora não fosse fumante, tinha voz rouca de fumante. Ele te fez esperar por quarenta minutos, porque queria parecer ocupado e importante, no entanto, anos mais tarde, você descobriria que ele, na verdade, ficava na frente do computador jogando paciência ou vendo pornografia [...] *Você era uma presa fácil. Assim, com total domínio da situação, Bruno disse, com muita naturalidade, que não gostava de negros. Você levantou os olhos. Bruno não se intimidou e repetiu a frase: não gosto de negros.* Talvez ele esperasse alguma reação sua. Mas nada aconteceu. Você permaneceu imóvel. Depois, Bruno se ajeitou melhor na cadeira e justificou: não gosto porque, quando eu tinha um sítio em Garibaldi, um casal de negros, que trabalhavam para mim como caseiros, me roubou. [...] Bruno seguiu com a entrevista, disse que ia te dar uma chance, porque achava que podia te salvar das drogas, mesmo que você nunca tivesse experimentado drogas. Ele também queria te salvar das armas e da violência (TENÓRIO, 2020, p. 20, Grifo nosso).

É interessante perceber a forma que o narrador descreve o personagem que conduzirá a entrevista, pois ele, na tentativa de mostrar que possuía um *status* superior, ou mesmo de ser alguém muito requisitado, estabelece uma ilusão ao entrevistado, assim, o deixa esperando, porém, no momento em que ocorre o encontro, há um olhar pejorativo sobre a cor de pele; Bruno conserva os resquícios da marginalização do negro e ainda externa quando menciona que irá salvá-lo das drogas, ainda que ele não seja usuário, o que evidencia um olhar negativo sobre a vivência de Henrique. Entretanto, é importante mencionar que essas são situações estigmatizadas pela hierarquia moral/social, na qual o negro sempre estava em uma situação inferior a do branco, ainda conservando os resquícios do período colonial, e assim estabelece ressalvas/resistências que o negro sofreria no processo de tentativa de dissolução do meio que o cerca.

Com esse conflito externo, por vezes, o negro acaba internalizando determinados conceitos sobre sua própria personalidade (como deve se portar), incorporando aquilo que é bem visto pela sociedade, no intuito de evitar perseguições, ou mesmo para ser aceito, como evidencia o excerto:

toda aquela vontade de permanecer quieto, pudesse ter a ver com a cor da sua pele. Que o seu receio de falar, seu receio de se expor, pudesse ter a ver com as orientações que você recebeu desde a infância: não chame a atenção dos brancos. Não fale alto em certos lugares, as pessoas se assustam quando um rapaz negro fala alto. Não ande por muito tempo atrás de uma pessoa branca, na rua. Não faça nenhum tipo de movimento brusco quando um policial te abordar. Nunca saia sem documentos. Não ande com quem não presta. Não seja um vagabundo, tenha sempre um emprego (TENÓRIO, 2020, p. 74-75).

Ou seja, o negro teve que se silenciar para não infringir o espaço do outro, pois isto poderia causar um conflito e, conseqüentemente, gerar uma intolerância. É interessante observar que essas são instruções que já foram passadas à sua mãe, e que ela estava repassando a ele, o que deixa ainda mais evidente as relações de desigualdade e a presença constante do medo. Essas são relações que são mostradas no romance, mas que, infelizmente, também são refletidas no meio social, demarcam o sistema de opressão.

Oracy Nogueira (2006) menciona os tipos de preconceito existentes no Brasil, mostrando uma prevalência no de marca, ou seja, consiste em levar em consideração uma preterição, a qual considera os traços raciais mais leves, ou que tenha uma relação aquisitiva destacada, se tais características forem evidenciadas, haverá uma exceção sobre a forma de tratamento que irá proceder. Portanto, trata-se de uma relação mais subjetiva, havendo uma variação na forma de consideração do “branco” e “não branco”.

Na obra, o próprio personagem Henrique percebe essa questão abordada por Nogueira, de maneira que traz para a sua vivência as vestimentas que abrandavam determinados olhares negativos, para assim se sentir aceito naquele meio:

Era uma grande aquisição e você gradativamente começou a deixar os tênis e os bonés de lado. Passou a usar calças e camisas sociais. Agora você queria se parecer com os advogados do seu escritório [...] Aquilo te fez pensar na sua aparência, nas suas roupas, nos seus sapatos, no seu cabelo. Como num estalo, percebeu que o modo como se vestia poderia ser o motivo de haver recebido tantas abordagens policiais durante a vida. Assim, pelos próximos meses você cuidará da sua aparência, manterá o cabelo sempre bem aparado e curto, as roupas bem alinhadas e passadas (TENÓRIO, 2020, p. 125).

Nessa perspectiva, o personagem começa a projetar para si mesmo um novo olhar sobre a sua vestimenta, pois aquilo poderia evitar situações constrangedoras, visto que a estética era algo a ser considerada diante das percepções dos outros, desse modo, ele abdica de sua personalidade e de seus gostos, porém, é notável que isso não era o suficiente para sanar determinados julgamentos no meio social.

Apesar de o negro lutar para ser aceito, sempre foi reduzido à força de trabalho, ou ao seu corpo que, por vezes, é sexualizado. Na obra, essa situação é expressa quando Henrique tem um romance com uma mulher branca, isso gera curiosidade não apenas no meio social, mas também no seio familiar, como ressalta no livro:

passou a ser uma espécie de para-raios de todas as imagens estereotipadas sobre os negros: pois disseram que você era mais resistente à dor, disseram que a pele negra custa a envelhecer, que você deveria saber sambar, que deveria gostar de pagode, que devia jogar bem futebol, que os negros são bons no atletismo. [...] Juliana, por sua vez, era bombardeada pelas primas e amigas que nunca tiveram um namorado negro: e então, como ele é? Tem pegada mesmo, como dizem dos negros? E o pau dele? É grande? É verdade que eles são insaciáveis? Qual o cheiro dele? Juliana ficava incomodada mesmo querendo parecer natural (TENÓRIO, 2020, p. 27).

Então, assim são perceptíveis as relações estereotipadas sobre o corpo negro, o que mostra uma relação de redução da imagem perante o corpo, a transmitir uma associação mais animalesca, viril, forte e insaciável. Esses são marcadores expressos há muito tempo sobre esse corpo e que se mantêm expressos apesar do tempo e espaço em algumas relações, de modo a objetificar o corpo negro aos prazeres e fetiches carnavais. Assim, é notável que existam os elementos de manutenção da ordem social e simbólica estabelecida pelo estereótipo, da violação imagética que gera a opressão e o inferioriza, pois o insere dentro de um padrão, ao desconsiderar o valor intelectual, resumindo-o a apenas um corpo.

Além disso, faz-se necessário mencionar que durante os questionamentos houve uma pergunta sobre o odor, supondo-se que há diferença entre os homens. Reis (2020) classifica que o corpo negro é zoomorfizado, pois é reduzido a uma condição da natureza, estabelecendo uma degradação inumana, como a própria consideração feita a partir do cheiro, como se ele emanasse um odor diferente dos outros homens e correlacionado a hipersexualização, o que remete a uma comparação animalesca.

É importante destacar como no início da narrativa Henrique responde de forma passiva e até mesmo condescendente a situações em que o preconceito era indiscutivelmente manifesto

(como as situações já citadas de discriminações em que o personagem passa no ambiente de trabalho, ou pela forma que se deixa “aculturar” ao ter cuidado em escolher suas vestimentas, ou ainda na sua relação com Juliana, uma garota branca, que acabava por consentir com ofensas racistas em forma de piadas feitas pelo entorno dessa). No entanto, a percepção de Henrique sobre si mesmo como sujeito vai ganhando, ao longo da narrativa, novos contornos através da tomada de consciência sobre as relações que o transpassam.

O princípio da autognose de Henrique inicia-se na universidade, quando um de seus poucos professores negros explica como os crimes de racismo são desencadeados a partir de epistemologias que fazem com que essa percepção seja validada, como é trazido no trecho:

A vida simplesmente acontecia e você simplesmente passava por ela. Mas, quando o professor Oliveira contou para sua turma sobre Malcolm X, quando vocês conversaram sobre Martin Luther King, quando pela primeira vez você ouviu a palavra “negritude”, o seu entendimento sobre a vida tomou outra dimensão, e você se deu conta de que ser negro era mais grave do que imaginava [...] Então, o professor Oliveira projetou um crânio na lousa e perguntou se era possível definir o caráter de uma pessoa apenas olhando para aquela imagem. [...] Então, o próprio professor Oliveira respondeu: *é claro que não podemos. Mas as teorias racistas dos séculos dezoito e dezenove acreditavam que sim. Entretanto, do ponto de vista científico, seria um absurdo, um engodo, um embuste*, ele dizia (TENÓRIO, 2020, p. 29-30, grifo do autor).

A partir do excerto, vincula-se o pensamento abissal que Boaventura Santos (2007) postula: existe uma colossal separação entre um sujeito legitimado e entre o ser animalizado, em que o fator racial é uma de suas principais diretrizes, ao atribuir aos traços fenotípicos inclusive a capacidade de racionalidade.

Essa percepção, a qual foi iniciada no período colonial para justificar o trabalho escravo e a aculturação que eram efetuadas contra o corpo e a mente do indivíduo negro, ecoa na sociedade moderna ganhando novos contornos. Existe a progressão do discurso hegemônico eurocentrado que encrava o imaginário coletivo e perpetua a relação de superioridade/inferioridade enfatizadas pela ideia de raça, que na verdade não incidem no fator biológico e sim epistêmico. É a partir das estratégias de controle de produção de conhecimento e uma suposta maior capacidade cívica eurocentrada que a subjugação do “outro” é legitimada, naturalizada e perpetuada.

As informações trazidas pelo professor Oliveira descortinam as violações que perpassavam Henrique. O personagem se sente provocado e passa a enxergar as situações à

sua volta sob um novo prisma, consciente de que de fato a negritude traz emblemas que precisam ser respondidos e resistidos, como acontece no seguinte fragmento:

Então, certo dia, ao saírem dali, você disse à Juliana que preferia parar de ir àqueles almoços. Ela te perguntou o porquê, e você respondeu que não queria mais ouvir aquele bando de racistas te chamando de negão toda hora, e que você tinha um nome e talvez eles nem soubessem que seu nome era Henrique. Juliana não disse nada. Preferiu ficar quieta, porque não queria brigar. Ela estava magoada com o que você tinha dito dos tios. *Eles não são racistas, só não estudaram o que você estudou*. Mas, quando vocês estavam no ônibus, voltando para Porto Alegre, Juliana disse que estava triste com seu jeito, que você tinha mudado e que já não sabia brincar. Agora você levava tudo muito a sério. Agora para você tudo era racismo. *Você não era assim* (TENÓRIO, 2020, p.31, grifo do autor).

O trecho aponta como o racismo pode ser configurado em dimensões implícitas e/ou omissivas. A antropóloga Lélia Gonzalez (2020) discorre sobre a forma como o racismo latino-americano é sofisticado, configurando-se em uma denegação, de modo que chega a não parecer violência, e sim “verdadeira superioridade”.

A defesa que Juliana faz de seus familiares simboliza como o racismo além de ser minimizado, precisa ser “superado” e levado como brincadeira: o racismo denegado faz com que a vítima passe a ocupar o local do transgressor. A ofensiva nunca está do lado legitimado, mas sim do lado do “outro”.

Nota-se como a problematização de Henrique, ao perceber que vinha sendo alvo de falas racistas, acaba por incomodar a companheira. Isso acontece devido ao fato de se visar que o indivíduo negro, segundo o conceito de Susana de Castro (2020), seja sempre *condescendente*: o que se espera, dentro da lógica colonial que perdura, é que esse responda de forma passiva (ou mesmo não responda), ou ainda que não responsabilize o sujeito eurocêntrico pelos crimes que comete, e ainda se sinta grato, pois “a sociedade racista espera cinicamente que os negros sejam gratos aos brancos, que os considerem seus benfeitores e que não questionem” (CASTRO, 2020, p. 151).

Essa percepção penetra o funcionamento da sociabilidade dentro da narrativa, de modo que se espera que Henrique, por ser um negro a se relacionar com uma garota branca, sinta-se numa posição promissora. De igual maneira, tem-se a expectativa que ele possa se sentir afortunado por ser “aceito” dentro do grupo familiar, mesmo com as críticas, estereótipos e ofensas disfarçadas.

O indivíduo negro que tem consciência das violências que o transpassam, denuncia que os dogmas que se fundem ao imaginário social coletivo estão ancorados no eurocentrismo. Assim, a resistência que emerge do personagem Henrique é vista como sinônimo de rebeldia ao sistema vigente, por isso acaba trazendo um impacto negativo. A resistência a situações cotidianas tidas como triviais faz parte de um pensamento independente que vai de encontro à visualização do “outro” como subordinado, caracterizando-se, assim, nas palavras de Mignolo (2021) como uma *desobediência epistêmica*.

Essa situação, entre outras ao longo do romance, aborda como problematizar o racismo causa incômodo, essa explicitação das violências de ordem simbólica estão entre as formas que o personagem resiste. No campo físico, destaca-se como Henrique, sendo um dos poucos professores negros em uma escola pública sucateada, em uma sociedade racista, acaba por intermédio da relação professor/corpo negro, a culminação do ápice da violência:

Sua cabeça ainda estava na sala de aula, ainda estava em Dostoiévski. Ele gritou para você ir para a parede. Mas você não escutou ou não quis escutar. Ele e os outros policiais estavam nervosos, era só para ser mais uma abordagem de rotina. [...] Você ignorou porque agora era a sua vez. Era a sua vez de ditar as regras. E a regra, agora, era seguir seu movimento, colocando a mão dentro da pasta. O primeiro tiro pegou no seu ombro, e foi como se você tivesse levado uma pedrada forte [...] Os outros vieram simultaneamente (TENÓRIO, 2020, p. 149-150).

Após um período de desmotivação profissional em sala de aula, Henrique experimentava um impulso que o deixava alheio à situação de abordagem policial. O que se espera do movimento de um jovem negro abordado, em uma sociedade racista que frequentemente o incrimina, não é uma ação ingênua. É esse ímpeto que culmina no homicídio do personagem Henrique à queima-roupa a caminho da escola em que trabalhava. A ficção retrata a situação que não foge da realidade brasileira, tendo em vista que a violência e o racismo policial causam números alarmantes de homicídios.

A narrativa realizada por Pedro após o assassinato que ocorre com seu pai, além de tratar a relação entre esses, aborda a trajetória de assimilação do entendimento de como a sociedade encara o sujeito negro, de modo que o romance tem o seguinte fragmento como desfecho: “E agora caminho por essas mesmas ruas, tenho Ogum em minhas mãos [...]. Tenho Ogum em minhas mãos porque agora é a minha vez” (TENÓRIO, 2020, p. 159).

O resgate da divindade de origem africana liga-se ao processo de autoconhecimento que Pedro precisa passar, embora na figura do pai possa fruir aprendizado e espelhamento, ele tem consciência de que o percurso que ele irá percorrer é, de alguma forma, semelhante, devido à cor da pele, no entanto as experiências do “avesso” são intrínsecas. O personagem tem consciência de que para resistir percorrerá também um caminho de desobediência, agora será “a sua vez”.

4 Considerações Finais

Compreendeu-se, no debate suscitado no artigo, que a literatura, embora esteja envolta pela áurea da ficção, acaba por dialogar com aspectos da vida em sociedade. Ao partir desse viés, destacou-se como o romance *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, evidencia o protagonismo negro e denuncia situações que estão presentes no imaginário sociocultural que incidem em relações dicotômicas entre superior x inferior, que, mais precisamente, tecem problematizações acerca dos preconceitos raciais que estão nos campos simbólico e físico.

As discussões abordadas elencam como o sujeito negro é posto em uma posição de subalternidade desde o período colonial, de modo que a relação entre colonizador x colonizado prevalece ao se ter como referência o Norte-Global com seu modelo eurocêntrico, a determinar os detentores de poder e de capacidade cívica. É essa relação que faz com o negro esteja sujeito a preconceitos que se estendem em todas as áreas de sua vida, indo desde a sua posição no mercado de trabalho, às representações culturais nas quais estão imbuídos (no caso deste trabalho a concepção do negro na literatura).

Indo de encontro à centralidade do sujeito eurocentrado, o romance *O avesso da pele* apresenta o negro longe dos estereótipos corriqueiros de marginalidade e criminalidade, inclusive, a obra denuncia como essa percepção é perpetuada e atribuída de forma erroneamente preconceituosa aos personagens do enredo. Nesse sentido, é atribuída a protagonização das vivências dos indivíduos ao traçar a relação entre pai e filho ao considerar o que se passa no íntimo de suas emoções, isto é, no “avesso da pele”.

Diante de uma sociedade racista, existe a reflexão dos personagens que passam por um processo de autoconhecimento, o qual consiste em reconhecer a negritude, isso aliado à consciência dos crimes que os perpassam, indo de uma conduta passiva e condescendente a

formas de resistir. Com o adentro de que resistir nem sempre significa sobreviver, mas lutar enquanto se pode.

Referências

BOSI, Alfredo. **Entre a Literatura e a História**. São Paulo: Editora 34, 2013.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CASTRO, Susana. Condescendência: estratégia pater-colonial de poder. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. 141-153.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura feminina no Brasil contemporâneo. **Língua e Literatura**. v. 16, n. 19, 1991.p. 91-101.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora Horizonte, 2012.

DUSSEL, Henrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado**. Vol. 31, n° 1. Janeiro/Abril, 2016. p. 51-73.

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. 2010. 300 f. Dissertação (Título de livre docente em Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. ed. 2. São Paulo: Vértice, 1990.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial. Universidade Federal do Paraná: Departamento de Letras Estrangeiras modernas. **Revista X**, v. 16, n. 1, p. 24-53, 2021.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2006.

REIS, Davi Nunes dos. Sistemas de representação e a zoomorfização do corpo negro na Bahia. *RevLet* – **Revista Virtual de Letras**, v. 12, n. 02 - ago/dez, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal. **Novos estudos: CEBRAP**, 2007, 71-94.

SILVA, Alen das Neves. Recolher-se: o encontro com sua essência estruturante em **O avesso da pele**, de Jeferson Tenório. **Literafro**: portal da literatura afro-brasileira. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2020.